

Panorama Artístico de Portugal

II = A POESIA

por Actur Augusto

T RAÇANDO-SE a curva ascensional do modernismo poético, pode ir-se buscar ao rejuvenescimento sadio que o futurismo trouxe, uma das contribuições mais fortes para esse modernismo.

E não só no campo poético o futurismo teve a sua influência, mas ainda, e sobretudo, no campo da actuação pictórica.

O futurismo, pela surpreendente influência nas modernas artes, deveria ser convenientemente estudado, não sob o ponto de vista de «blague», mas como renovação espiritual, pois nêle se encontra uma forte reacção do espirito contra as rígidas fórmulas consagradas por séculos de pseudo-classicismo.

Ora o futurismo, como aliás todas as escolas literárias ou artísticas, produziu o seu exagêro, de que é necessário libertarmo-nos, fazendo o saneamento das artes modernas com aquêle mesmo rigorismo que empregamos para com as académicas.

Atingimos, nesta altura, uma fase em que o modernismo, se não tem a sua consagração como valor clássico, tende a tê-la de um modo positivo.

A diferenciação entre poesia e prosa, estabelecida desde os mais remotos tempos, funda-se, substancialmente, em que a primeira, além do conteúdo emocional, deve ter, por uma conjugação de ritmos harmónicos, um poder de expressão musical fundado na concordância de sons da mesma intensidade.

Quero dizer; a poesia resulta de um factor emocional e de outro auditivo, não querendo aqui, com a palavra auditivo, significar que se destina ao ouvido, mas sim à conjugação ritmal que a própria inteligência apreende.

Porque de resto, se assim não fôsse, os surdos estariam inibidos de apreciar a poesia.

Resulta pois que a poesia não tem de obedecer às antigas fórmulas métricas (que, entretanto, variaram com os tempos) mas deve sempre integrar-se na conjugação dos elementos constitutivos do ritmo.

Porém, hoje, nota-se uma forte tendência para fazer poesia só com o elemento **emoção**.

E' o melhor resultado de uma falsa noção teórica que distingue na poesia um facto a que se chama valor poético.

Mas, existirá na realidade, êsse valor poético, independente e capaz de, por si, nos emocionar?

Estou em afirmar que não. Aquillo a que se chama valor poético, não é outra coisa senão o valor emocional que o artista empresta aos assuntos. Fica pois a poesia reduzida, à emoção, e sem que se possa distinguir da prosa, pois, uma e outra, são susceptíveis de produzi-la.

Argumentarão alguns que as emoções susceptíveis de poesia são diferentes das de prosa.

Velho e estafado conceito que o romantismo nos legou, êste de que a poesia tem os seus assuntos particulares.

Benjamim de Lima, curioso ensaista brasileiro, afirmava que não há temas poéticos, mas sim poetas.

Quere isto dizer: no poeta é que está a poesia, e não nos temas.

Ora a poesia, como já ficou dito, realiza-se pela conjugação do elemento ritmo com o elemento emoção.

Fóra d'isto, querendo-se fazer poesia só com a emoção, produz-se prosa.

Disse atraz que as fórmulas métricas convencionais não são as únicas pelas quais a emoção se pode realizar, deixando antevêr que o ritmo se obtém por qualquer conjugação de sons, desde que êles obedeçam a determinadas regras, ainda não estabelecidas.

E cito, como prova dêste facto, um poeta mediocre, que só vale como renovador de ritmos: Antonio Botto.

Emocionalmente, não inovou êle, nem temas, nem formas descritivas.

E mesmo assim, os seus ritmos são, por vezes, uma habilidosa adaptação dos ritmos clássicos, escondidos no quebraimento dos versos.

A poesia de Antonio Botto, de temas emocionais já muito conhecidos, vive pela inovação de ritmos, obtidos, algumas vezes, de modo diferente das dos ritmos clássicos, sendo êste, a meu vêr, o único campo em que o poeta merece aturado estudo. Porém, e nunca será demais acentuar, a ideia poética abstracta não existe, por não haver temas exclusivos de poesia.

Qualquer emoção pode ser geradora de uma sinfonia, de uma escultura, de um romance ou de poesia, consoante o artista em quem ella actua é um musico, escultor, romancista ou poeta.

E assim, a poesia estará intimamente ligada com o verso (verso, não no conceito clássico, mas como ordenada conjugação de ritmos).

O ritmo, em poesia, nunca se poderá afastar, ao máximo, da proporção um para seis, devendo, em todos os versos concordantes, repetir-se a mesma proporção.

Designo por proporções um para seis, cinco, quatro, ou para três, etc., a relação que deve existir entre as sílabas tónicas e átonas. Versos concordantes chamo eu aquêles em que a intensidade da emoção é a mesma.

Porém, estas ultimas considerações serão fallíveis, pois representam uma tentativa de apreensão do sentido do ritmo na poesia, resultado de um estudo directo, mas não definitivo. Em nada prejudicam as considerações anteriores, pois serão, quando muito, seus breves complementos.

De tudo isto resulta a minha negação em considerar poesia, certos pedaços de prosa com que alguns pseudo-modernistas têm inundado a litteratura, nomeadamente eu, que, num **pecavi**, tenho o orgulho de reconhecer os meus êrros.

N. R. — Nesta série de artigos **Panorama Artístico de Portugal**, seguir-se-ão estudos de **O Romance, A Pintura, A Critica e As Artes Gráficas**.